

Elben M. Lenz César, *História da Evangelização do Brasil: Dos Jesuítas aos Neopentecostais* (Viçosa: Ultimato, 2000), 191 pp.

Propósito: Na primeira sentença (p. 13), o jornalista e pastor presbiteriano Elben César adverte: "...não é adaptação de uma dissertação acadêmica." Está certo. O estilo jornalístico, a brevidade dos capítulos, a moderação nas notas de rodapé, tudo indica a preocupação de divulgar as informações contidas no livro entre uma audiência ampla e leiga. Mas não se enganem os leitores deste periódico acadêmico. Trata-se de um livro de conteúdo concentrado e destilado, repleto de informações e avaliações breves por parte do autor, que levam à motivação missionária. Aliás, esse é o propósito verdadeiro e declarado, mesmo que só se encontre nas duas últimas sentenças desta que é a mais importante obra do autor (p. 165): "que... possa entusiasmar os brasileiros a continuar a evangelização do seu próprio solo, bem como do solo alheio. Os erros e acertos dos missionários que para aqui vieram — muitos dos quais aqui morreram — hão de servir de inspiração para a presente geração de missionários." *Objetivo:* Eu diria não só "inspiração," mas também "informação," pelo menos inicial. Nas suas poucas páginas (191), a obra fornece um grande número de dados históricos. O projeto é ambicioso: discorrer a respeito de 500 anos de evangelização, abrangendo não somente os três principais ramos dessa evangelização — católico, protestante histórico e protestante pentecostal — mas uma certa especificação dos diversos grupos dentro de cada ramo. Não é pouca coisa, e Elben, grosso modo, presta à comunidade cristã, um inestimável serviço pela sua admirável capacidade de sintetizar esse longo e complexo processo. *Audiência:* Nada melhor para colocar nas mãos daqueles que queiram uma introdução ao assunto. Eu incluiria os candidatos ao ministério, bem como evangelistas, pastores e missionários, como um grupo alvo de audiência. Com certeza vão querer saber mais, e o próprio livro indica as melhores fontes para tal aprofundamento. *Formato:* O livro divide-se em três partes de tamanho quase igual: a primeira trata da "cristianização" nos séculos XVI a XVIII, dando maior enfoque aos católicos; a segunda aborda a "evangelização" no século XIX, dando ênfase aos protestantes tradicionais; e a terceira considera a "pentecostalização" no século XX, ressaltando os protestantes pentecostais. Infelizmente, esses títulos acabam ofuscando a complexidade do processo e de maneira alguma, nem mesmo na visão do autor, devem ser entendidos exclusivamente. Ele admite que os católicos também evangelizaram nos primeiros séculos, que os protestantes tradicionais, especialmente os missionários estrangeiros, também "cristianizaram" (transmitindo o evangelho em trajes de uma cultura alheia), e que no século XX ainda há muita evangelização (mais que nunca!) e muita cristianização. Tudo bem. Cada parte tem dez capítulos, sempre com títulos chamativos: "Missionário free-lancer vem para o Brasil" e "A Europa pega fogo." Cada um dos trinta capítulos tem em torno de três a cinco páginas, concluindo com uma média de quatro a cinco indicações bibliográficas para leitura posterior. No final do livro, os leitores são brindados com três apêndices: uma cronologia religiosa dos 500 anos com nove páginas, um índice onomástico de sete páginas e uma bibliografia bastante atualizada de cinco páginas. *Crítica:* É fácil achar lacunas em qualquer livro de história. Afinal, sempre se pode contar mais. Por exemplo, por trás da religiosidade portuguesa do período da colonização do Brasil, inclusive de figuras como o padre Antônio Vieira, havia uma forte dosagem de sebastianismo, que o autor não chega a mencionar (pp. 20, 56). Também não há menção da prática medieval, especificamente carolíngia, de batismos nominais em massa, como precedente da prática ocorrida em toda a América Latina, ou do número elevado de "cristãos novos" entre os colonos portugueses, como parte do quadro do nominalismo católico da época (p. 57). Todavia, tais "lacunas" sempre serão encontradas. O fato é que o livro do Elben é uma síntese, e como tal alcança o seu objetivo. De crítica mesmo,

tenho apenas um pequeno reparo e uma observação de maior seriedade. O reparo: a Igreja Universal do Reino de Deus tem apenas 23 anos, e não 33 (p. 151, comparar p. 149). A observação: mesmo o autor sendo protestante, o tamanho, a história, a complexidade, bem como o contínuo e enorme impacto da Igreja Católica mereciam proporcionalmente um destaque bem maior. Salvo a renovação carismática católica, praticamente não se fala de outros movimentos católicos contemporâneos, uma vez que o autor resolveu, pela organização do seu material, focalizar nesse período mais recente os pentecostais. Contudo, mesmo com esta ressalva, recomendo entusiasticamente o livro como uma primeira leitura ou mesmo uma recapitulação do assunto.

C. Timóteo Carriker